



CROSSAN, John Dominic. *O Essencial de Jesus: os ditos originais e as imagens mais antigas*, São Paulo: Editora Best Seller, 1994, 242pp.

Julio Fontana*

No ano de 2004 a Editora Paulinas presenteou o público brasileiro com a obra *O Nascimento do Cristianismo* de John Dominic Crossan. O prefaciante dessa obra foi o renomado professor de Ciências da Religião da PUC-SP, Pedro Lima Vasconcellos, que chamou a atenção para o caráter inédito de uma obra de Crossan ser publicada por uma Editora católica em território brasileiro.¹ Diante disso, o público católico passa a conhecer o trabalho de Crossan de forma direta, e não por meio dos ataques e críticas de Raymond E. Brown e John Paul Méier, aliás, dois críticos de muito peso.

A obra que passo a resenhar é uma bem elaborada suma das pesquisas de Crossan no campo relativo ao Jesus histórico e ao cristianismo primitivo. Talvez seja esse um dos motivos pelos quais Crossan denominou essa obra *The Essential Jesus* (O Essencial de Jesus). Entretanto, o autor observa que dois problemas surgem quando se aplica o termo *essencial* a Jesus. Ele explica: "O primeiro é se estamos falando do Jesus canônico ou do Jesus histórico. O Jesus canônico é a figura que permeia os quatro evangelhos oficiais do Novo Testamento das igrejas cristãs. Uma possível interpretação do termo *essencial* seria aquele Jesus oficial, conforme retratado exclusivamente nos textos aprovados. Mas eu escolhi, no lugar disso, interpretar *essencial* como significando histórico, designando não o Jesus descrito pelos cristãos que acreditam que nos evangelhos escritos entre quarenta e sessenta anos após a sua morte, mas sim aquele Jesus que poderia ter sido visto na Galiléia durante a sua vida real" (p. 14). Esse é o Jesus que Crossan vai descrever no seu livro. Pelo menos é o que ele irá tentar. O segundo problema que Crossan arrola é que tomem o termo *essencial* como uma palavra sem feito, sem ação, de visão sem programa. A partir daí, ele mostra que o seu Jesus (o essencial) tinha um sonho religioso e um programa social, e foi essa conjunção que provocou sua morte. Fundamenta Crossan: "O Império Romano pode ter abusado do seu poder com freqüência, mas raramente o exercia sem necessidade. Ele não crucificava professores ou filósofos; exilava-os permanentemente ou os removia de Roma periodicamente. Na verdade, se Jesus tivesse sido apenas uma questão de palavras ou idéias, os romanos provavelmente o teriam ignorado e talvez não estivéssemos falando dele hoje. O movimento do seu Reino, entretanto, com suas curas e exorcismos, era ação e prática, não pensamento e teoria" (p. 15). Vimos os dois problemas que podem acarretar o uso do termo *essencial*, mas o que é o Jesus essencial? Em resumo é o Jesus histórico com sua visão e seu programa.

E que visão e programa possuía o Jesus essencial? Para explicar isso Crossan primeiro traça rapidamente o contexto econômico, político e social do mundo

¹ Ver prefácio na revista eletrônica *Ciberteologia*, edição nº 01 Junho/Julho de 2005 (www.ciberteologia.org.br).



mediterrâneo do século I. Essa descrição é primordial para a sua teoria, de fato, é só lembrar do título de sua mais famosa obra *O Jesus Histórico: a vida de um camponês judeu do mediterrâneo*. As palavras chaves são: camponês, judeu e mediterrâneo. O mundo romano era um império agrário, o que significa que os camponeses, a vasta maioria da população, viviam próximos ao nível de subsistência e assim sustentavam elites religiosas e políticas cujos níveis de luxúria mal podiam imaginar. Aliás, o significado do termo camponês, explica Crossan, deve ser tomado como sendo um "fazendeiro sistematicamente explorado". Mais especificamente, qual era a situação dos camponeses judeus? Os camponeses judeus estavam sendo empurrados para as dívidas e deslocados de suas moradias em proporções acima do normal, pois a terra se tornava, sob a economia centralizada de Roma, menos uma herança ancestral que jamais deveria ser abandonada, e mais um bem comercial a ser explorado. Por essa causa os camponeses judeus tendiam a recusar a aceitação passiva dos altos impostos, da agricultura de subsistência, do empobrecimento pelas dívidas e da expropriação das terras, oferecendo resistência declarada ou velada acima do que se podia esperar de qualquer campesinato colonial. Após a descrição do quadro econômico, político e social do mundo o qual Jesus viveu, Crossan volta seus olhos para os aforismos e parábolas do Jesus histórico. Nelas o autor verifica que freqüentemente descrevem um mundo de igualitarismo radical no qual a discriminação e a hierarquia e a opressão, não mais deveriam existir. Crossan chegar a dizer que esse é o sonho utópico do Reino de Deus, no qual tanto os bens materiais como os espirituais, os recursos políticos e religiosos, e os acessos econômicos e transcendentais estão igualmente disponíveis a todos, sem a interferência de agentes, mediadores ou intermediários (p. 22). Jesus chamava sua prática e programa de presença do Reino de Deus, mas essa expressão deve ser interpretada primeiramente à luz do que ele mesmo fez e do que também desafiou os companheiros a fazer. Ela não significava, para Jesus, a intervenção apocalíptica iminente de Deus para endireitar um mundo tomado pela injustiça e pelo mal. Significava a presença do Reino de Deus aqui e agora, na reciprocidade de alimento e de cura gratuitos, ou seja, da igualdade radical tanto do nível sócio-econômico (alimento) como no religioso-político (cura).

O mais interessante nessa obra de Crossan não é sua abordagem dos ditos originais de Jesus, pois essa nós já conhecemos de outras obras, mas a análise que o autor faz da arte cristã. Porém não de toda a arte cristã. Podemos subdividir a arte cristã em três categorias: sinais, figuras e cenas. Sinais são coisas como cordeiro, âncora, vaso, rola, golfinho, folha, embarcação, peixe, oliveiras, vinha, uva, tridente e assim por diante. Figuras são imagens humanas como o pastor, especialmente o jovem pastor parado com o carneiro nos ombros, ou o pescador com vara e a linha, ou a mulher com um véu rezando com as mãos elevadas, ou o filósofo de pé com um pergaminho fechado nas mãos, ou sentado, lendo um pergaminho aberto. Cenas são principalmente aquelas imagens bíblicas cuja presença empresta ao objeto uma aura seguramente cristã, e que certifica como definitivamente cristãos quaisquer outros sinais, figuras ou cenas neutras que as acompanhem (p. 27). Somente as cenas são examinadas por Crossan nesse livro. O professor de Estudos Bíblicos da Universidade de DePaul em Chicago mostra que as imagens esculpidas nos sarcófagos cristãos não



são do Jesus crucificado, ressuscitado, ou o Jesus juiz, mas do Jesus que cura, e geralmente retratado como um jovem bonito, e não um homem mais velho usando barba. Essa constatação, de fato, é muito importante. Ela mostra que “o Jesus” mais conhecido dentre os primeiros cristãos era o Jesus que cura. Crossan ressalta ainda que das cenas de cura, duas em particular se destacam. De dezenove cenas, sete envolvem a ressurreição de Lázaro e cinco retratam a cura do paralítico.

Fica difícil daqui por diante, numa resenha, mostrar os apontamentos que Crossan faz das cenas. Contudo, fica claro que o teólogo bíblico especializado em Novo Testamento deve possuir conhecimento do significado das imagens esculpidas pelos primeiros cristãos. Talvez as imagens estejam mais perto do conteúdo da fé cristã do que os próprios evangelhos. Por que? Nem preciso falar que aqueles que escreveram os Evangelhos eram “teólogos” das comunidades onde viveram, e, portanto, escreveram seus textos a partir da reflexão da fé daquela comunidade. Enquanto isso, as imagens nos mostram aquela fé mais sincera e verdadeira, ou melhor, a essência dela. Enfim fica recomendada a leitura da belíssima obra de Crossan, que pelo que eu saiba, é a única em língua portuguesa que examina a questão das imagens cristãs.
